

# **Jornalismo Interpretativo na era digital: o espaço da reportagem no Globoesporte.com**

Sandra de Deus<sup>1</sup>  
Amanda Pansera Montagna<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este artigo busca investigar a presença do Jornalismo Interpretativo na era digital por meio da análise de reportagens publicadas na seção Baú do Esporte do site **Globoesporte.com**, no primeiro semestre de 2013. O objetivo é comprovar as possibilidades deste gênero na imprensa esportiva online e analisar como o recurso do hipertexto pode ser explorado por esta mídia. Partimos da premissa de que o jornalismo esportivo atual passa por um momento de pouco aprofundamento da informação, fazendo falta ao leitor uma narrativa mais contextualizada e que dê significado à realidade. A teoria de base em que se sustenta a pesquisa é Teorias do Jornalismo, pois serão estudados os mecanismos de construção da narrativa jornalística. A pesquisa utilizará métodos qualitativos de análise e será descritiva. O artigo leva ao entendimento de que as características da mídia online, em especial o espaço ilimitado e o hipertexto, favorecem a produção de reportagens interpretativas.

**Palavras-chave:** jornalismo interpretativo; internet; reportagem

## **Abstract**

This paper seeks to investigate the presence of Interpretative Journalism in the digital era through analyses based on reports that were published on the section Baú do Esporte at **Globoesporte.com**, in the first semester of 2013. The goal is to verify the possibilities of this kind of work in the online sports media and to analyze how the hypertext could be used by this media. Starting off with the concept that the current sports journalism has been facing a period of superficial information, missing out aspects for a deeper, contextualized and with a real meaning narrative. The basic theory sustained for this research is the Journalism Theories, because it is going to be studied the journalistic narrative mechanisms of construction. The research will use qualitative methods and will be descriptive. This paper leads to an understanding that the characteristics of online media, specially the unlimited extent and hypertext, favor the creation of interpretative reports.

**Keywords:** interpretative journalism; internet; report

---

<sup>1</sup> Jornalista, doutora em Comunicação, professora associada do Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Jornalista, especialista em Jornalismo Esportivo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## Introdução

A imprensa brasileira tem demonstrado desinteresse em aprofundar os fatos e oferecer diferentes visões ao leitor, preferindo os temas enxutos que fragmentam a realidade. O processo industrial e a crença de que o leitor não tem tempo para consumir um texto mais elaborado são alguns dos fatores que levaram o jornalismo diário a privilegiar este modelo informativo. No jornalismo esportivo não é diferente. Hoje vivemos em uma época de pouco aprofundamento, enquanto o entretenimento e a superficialidade ganham espaço. A mídia impressa não possui mais a primazia de contar as novidades do dia a dia, já que a concorrência virtual torna-se cada vez mais imbatível nesse segmento.

Muitos autores, como o jornalista argentino Tomás Eloy Martínez, acreditam que os jornais precisam se reinventar e, para sobreviver, oferecer uma narração mais densa e contextualizada. O que se percebe, no entanto, é que o próprio jornalismo digital – tão associado ao imediatismo - está despertando mais cedo para essa necessidade. “A grande resposta do jornalismo escrito contemporâneo ao desafio dos meios audiovisuais é descobrir, onde antes havia apenas um fato, o ser humano que está detrás deste fato, a pessoa de carne e osso afetada pelos ventos da realidade” (MARTÍNEZ, 1997, p.02).

Este artigo propõe-se a analisar a presença do Jornalismo Interpretativo na mídia esportiva online através do tema “Jornalismo Interpretativo na era digital: o espaço da reportagem no **Globoesporte.com**”. A pesquisa analisa o gênero reportagem, já que este é, por excelência, o campo que permite maior liberdade de experimentações formais. O estudo também demonstra como o recurso do hipertexto pode ser explorado pelo jornalismo digital, convidando o leitor a “caminhar” de uma página para outra e acessar informações complementares ao texto original.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de se repensar a produção jornalística esportiva, que pouco informa sobre questões que ultrapassam os campos, quadras, piscinas, ringues, etc. De modo geral, as notícias são factuais e limitam-se a repassar resultados, projeções, especulações, além da vida pessoal dos atletas. Faz falta, nos veículos de uma forma geral, uma narrativa que aprofunde a informação, dê significado à realidade e ainda ofereça ao leitor um texto mais autoral e criativo.

A pesquisa pretende comprovar as possibilidades desse gênero na imprensa esportiva digital através da análise de reportagens produzidas na seção Baú do Esporte do **Globoesporte.com**<sup>3</sup>. Mais especificamente, pretende evidenciar como o jornalismo esportivo da internet pode ser uma fonte de complementação e aprofundamento da informação.

A teoria que sustenta este artigo é Teorias do Jornalismo, que caracteriza-se por estudar os mecanismos de construção da narrativa jornalística, buscando entender e esclarecer o conceito, o papel e o processo de produção da notícia na sociedade. Os autores centrais são Nelson Traquina e Lorenzo Gomis. A revisão bibliográfica utilizará estudos sobre Jornalismo Interpretativo, Reportagem, Jornalismo Esportivo, Jornalismo Digital e Hipertexto.

Serão utilizados métodos qualitativos de análise e será descritiva, a qual tem como objetivo primordial “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p.42). O estudo classifica-se, ainda, como documental e bibliográfico. O levantamento de dados ocorrerá através da utilização de reportagens publicadas no site **Globoesporte.com**, na seção Baú do Esporte. A amostragem de textos será escolhida de forma aleatória dentro da seguinte delimitação: primeiro semestre de 2013.

### **Jornalismo interpretativo**

Os conteúdos que hoje ocupam apenas os espaços editoriais dos jornais eram, no início do século XIX, predominantes na primeira fase do jornalismo. O estilo opinativo e ideológico tinha como características o excesso de adjetivação, a tomada de posição, o uso do nariz de cera e a preferência pelo comentário em detrimento da informação. Atualmente, esse tipo de texto fica bem demarcado nas colunas ou seções de opinião assinadas. Isso porque o Jornalismo Informativo, que persegue um discurso mais pretensamente isento, é a categoria preferencial da mídia na atualidade.

A transformação não ocorreu por acaso, mas, sim, acompanhou as mudanças pelas quais a sociedade passou a partir da experimentação científica e da industrialização, as quais tornaram os bens culturais (inclusive o jornalismo) objetos de produção industrial e de consumo por parte das massas<sup>4</sup>. O relato, antes poético e posicionado, passou a perseguir regras como clareza, concisão,

---

<sup>3</sup> <http://www.globoesporte.globo.com/bau-do-esporte/>

<sup>4</sup> O termo “Indústria Cultural” foi empregado pela primeira vez no livro *Dialética do Esclarecimento*, de 1947, escrito por Theodor Adorno e Max Horkheimer.

objetividade, imparcialidade. Além disso, a fórmula do lide (ou pirâmide invertida) contribuiu para promover a mecanização da produção jornalística.

Entre estas duas categorias está o Jornalismo Interpretativo, que já contou com seus momentos de protagonismo nos jornais impressos e que hoje tem a internet como sua principal aliada por força de uma especificidade marcante: o espaço ilimitado. Para efeitos de uma teoria do jornalismo, que já não percebe as notícias como meros reflexos da realidade, mas resultados de construção e interação simbólica, a atividade jornalística pode ser encarada como um método de interpretação da realidade social (GOMIS, 1991).

La interpretación de la realidad como un conglomerado de noticias responde a una expectativa pública y a necesidades técnicas. La realidad social verdadera, en directo, se diluye a lo largo del día y la noche, y parece lenta, difusa, aburrida. Nos es posible entrar en contacto expectatnte con ella a horas fijas. Corresponde por tanto a la actividad profesional llamada periodismo dar de la realidad social presente un versión concentrada, dramatizadora, sugestiva, que escoja lo más interesante de todo lo que se sepa que ha ocurrido y hasta lo retoque para ajustarla a las necesidades del tiempo y el espacio.<sup>5</sup> (GOMIS, 1991, p. 18)

Para Traquina (2005), o jornalismo é um conjunto de histórias da vida. “Os jornalistas veem os acontecimentos como ‘histórias’ e as notícias são construídas como ‘histórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘histórias’ e narrativas passadas” (TRAQUINA, 2005, p. 21). O autor reconhece que o trabalho jornalístico é condicionado, mas que também tem poder. “Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26).

Esta interpretação da realidade, no entanto, não deveria ocorrer unicamente por meio de informações sobrepostas, não-lineares, fragmentadas em microfatos autônomos e sem sentido único. É nesta seara que o Jornalismo Interpretativo pode atuar, pois é o mais capaz de proporcionar significado aos leitores – sem que seja emitida opinião. Após o término da Primeira Guerra Mundial, os diretores de jornais norte-americanos chegaram à conclusão de que um dos

---

<sup>5</sup> A interpretação da realidade como um conglomerado de notícias responde a uma expectativa pública e a necessidades técnicas. A realidade social verdadeira se dilui ao longo do dia e da noite, e parece lenta, difusa, tediosa. Não é possível entrar em contato com ela em horas fixas. Corresponde, portanto, à atividade profissional chamada jornalismo dar à realidade social presente uma versão concentrada, dramática, que escolha o mais interessante de tudo o que se sabe que tenha ocorrido e até o retoque para ajustá-la às necessidades de tempo e espaço.

principais motivos do decrescente interesse em ler notícias era a falta de compreensão. Mais tarde, na década de 60, a realidade jornalística foi profundamente modificada a partir do movimento da contracultura. Neste cenário surgiu o Jornalismo Interpretativo.

Um jornalismo em profundidade, à base da investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria, a interprete. (BELTRÃO, 1980, p. 42)

No Brasil este processo ocorreu mais tarde, em função de uma alta taxa de analfabetismo, além de dificuldades técnicas e falta de hábito de leitura. O marco brasileiro deste estilo data de 1964, com a fundação do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, sob a orientação de seu editor-chefe, Alberto Dines.

O leitor de hoje não quer apenas saber o que aconteceu à sua volta, mas assegurar-se de sua situação dentro dos acontecimentos. Isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro [...]. (apud BELTRÃO, 1980, p. 45)

Em meio ao universo das narrativas jornalísticas, a reportagem é o campo por excelência para a realização do gênero interpretativo. O texto permite maiores experimentações do que a estrutura da notícia factual. É no conto que a reportagem encontra seu modelo condutor, uma vez que propicia a personalização da informação. A reportagem é um gênero jornalístico privilegiado que não possui molde fixo, mas que visa à efetividade da comunicação de informações e também a troca de emoções com o leitor (SODRÉ e FERRARI, 1986). As principais características da reportagem apontadas por Sodré e Ferrari (1986) são: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.

Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 9)

Na análise de Erbolato (1991), a reportagem em profundidade exige antecedentes e humanização.

*Antecedentes* é, talvez, a primeira das palavras que denotam o anti-superficialismo. Para a maioria dos jornalistas significa agregar, adicionar informações complementares às notícias do dia. [...] *Humanização* quer dizer levar a informação até o ambiente do leitor, de maneira que ele a *sinta*. (ERBOLATO, 1991, p. 39)

Dividida em duas partes, a reportagem do **Globoesporte.com** que reconstitui o caso do jornalista esportivo que, segundo a polícia, foi assassinado a mando de um dirigente do Atlético-GO, contempla boa parte das características acima mencionadas. Logo nas primeiras linhas da reportagem “Morte na rádio, parte 1: o crime que levou um clube às páginas policiais<sup>6</sup>”, de 19 de março de 2013, a predominância da forma narrativa já é identificada.

Eram 45 minutos do segundo tempo na relação entre Valério Luiz e o jornalismo esportivo naquele 5 de julho de 2012, uma quinta-feira ensolarada em Goiânia. Ele já contava os dias para abandonar os microfones. Estava desgostoso com o futebol: não queria mais dar opiniões, não queria mais se envolver em polêmicas. Pretendia ajudar o filho a mergulhar na recém-iniciada carreira de advogado tributário. Cogitava se mudar com a esposa para Ushuaia, na Argentina, onde costumava esquiar - ele amava esquiar. Se possível, lá seria outra vez pai - o casal se organizava para engravidar. Planos, planos e mais planos: todos desmoronados com os seis tiros à queima-roupa que ele levou ao sair da rádio onde trabalhava.

Ao descrever o personagem central da ‘trama’, o repórter humaniza o relato, fazendo com que o leitor sinta a história e se aproxime desse personagem.

Valério Luiz gostava (de pedalar). Pelo menos duas vezes por semana, montava em sua bicicleta no raiar do dia e saracoteava pela cidade. Aos 49 anos, era um homem forte, jovial, que buscava no esporte, na família e na religião (era testemunha de Jeová) uma serenidade que não conseguia encontrar no jornalismo. Diante de uma câmera ou um microfone, era extremamente agressivo. Criticava, sem medir palavras, quem bem entendia. Gostava de questionar especialmente dirigentes. Detonava-os - citando nomes, colocando adjetivos. E o Atlético-GO tinha se tornado seu alvo mais costumeiro.

---

<sup>6</sup> <http://globoesporte.globo.com/go/noticia/2013/03/morte-na-radio-parte-1-o-crime-que-levou-um-clube-paginas-policiais.html>

Os recursos utilizados para reconstituir o dia da morte de Valério Luiz se enquadram em outras duas características apontadas por Sodré e Ferrari (1986) como típicas do Jornalismo Interpretativo: ação dramática e descrição de ambiente.

O programa do qual Valério Luiz participava diariamente na rádio terminava às 14h. Era um pulo para voltar do trabalho para casa. Pertinho. Por isso, o filho costumava esperar o pai para almoçar. Em 5 de julho, deu 14h10m, e nada de ele aparecer; deu 14h15m, e nada; deu 14h20m, e nada. O jovem lembra de olhar para o relógio e estranhar o adiantado dos ponteiros, como que num presságio ruim: 14h22m. “Meu pai está atrasado”, pensou. Foi quando tocou o telefone. Era a esposa de Valério soluçando a pior das notícias:  
- Teu pai levou um tiro.

Na segunda reportagem sobre o assassinato de Valério Luiz, “Morte na rádio, parte 2: o futebol na investigação de um assassinato<sup>7</sup>” – , de 20 de março de 2013, são abordados detalhes da investigação, de como se relacionavam os cinco acusados do crime e o caminho da polícia até o indiciamento dos suspeitos. Aponta também os argumentos da defesa do ex-dirigente acusado de encomendar a morte. Ou seja, sem perder a objetividade jornalística, a reportagem é profunda ao oferecer uma série de elementos – como antecedentes, a dimensão comparada, a remissão ao passado e a interligação com outros fatos - , os quais permitem que o leitor, ele mesmo, interprete o fato e tire suas próprias conclusões.

### **Comunicação digital e hipertexto**

A internet revolucionou a comunicação por oportunizar uma produção de conteúdos menos unilateral, onde receptor e emissor podem trocar de papéis a qualquer momento; e por possibilitar a convergência de texto, imagens e sons. Para Pernisa Júnior e Alves (2010), o conceito de jornalismo digital engloba três outras noções.

Jornalismo on-line pressupõe a existência de uma rede e que esta possa trabalhar com dados em tempo real. No jornalismo on-line, a ideia principal é a da conexão sempre presente e que se atualiza. O webjornalismo acontece somente na internet, na sua parte denominada *World Wide Web*, ou WWW. Não há, pois, como ter webjornalismo fora do que seja a própria web [...]. Ciberjornalismo seria o jornalismo em rede, independente da internet, da web ou do tempo real. O seu limite é o ciberespaço, que engloba a web – esta, contida na internet – e as

---

<sup>7</sup> <http://globoesporte.globo.com/go/noticia/2013/03/morte-na-radio-parte-2-o-futebol-na-investigacao-de-um-assassinato.html>

outras redes de computadores existentes (PERNISA JUNIOR e ALVES, 2010, p. 41-42).

O histórico do jornalismo brasileiro na internet começa em 1995, com a publicação do Jornal do Brasil na rede mundial de computadores. Com o advento deste novo meio, repleto de recursos, surgem também novos conceitos de narrativas específicas para web.

O texto jornalístico na web não é o mesmo o jornal impresso. Suas características estão vinculadas à especificidade de seu suporte – num caso, o papel, palpável; noutro, o meio eletrônico, diferenças que impõem distintos rituais de manipulação e de manuseio, condicionante não somente dos modos de leitura, como também do processo de relação explícita com outros textos. (PERNISA JÚNIOR e ALVES, 2010, p. 68)

E o principal diferencial do texto noticioso feito para o universo digital é o que se convencionou chamar de hipertextualidade, que consiste na interligação eletrônica de documentos digitalizados. “O hipertexto é, portanto, a possibilidade de levar o leitor a outras informações, além da primeira localizada na Internet, de poder acessar páginas internas ou de outros sites para vídeos, fotos, outros textos e também ter opiniões sobre o que está pesquisando” (SPERB, 2007, p.10).

Por não ter limitação de espaço físico, a internet favorece o aprofundamento da informação por meio de reportagens especiais, algo que implica em custos adicionais na realidade mercadológica do jornalismo impresso. Enxugar o texto na web através do frequente uso da “pirâmide invertida”, portanto, é um contrassenso. Muitos veículos optam, inclusive, por reproduzir digitalmente as matérias publicadas originalmente em meio físico, não levando em consideração as particularidades e potencialidades da web. Nossa proposta é que ocorra investimento maior na reportagem, com auxílio do hipertexto.

A contextualização é um ponto importante na estrutura da matéria e poderia ser muito mais explorada num espaço como a web. Essa contextualização pode fazer também com que se pense numa estrutura que se volte novamente para o chamado jornalismo interpretativo, em que as várias versões de um fato podem ser expostas, deixando ao leitor a opção de escolher a que melhor lhe convier (PERNISA JÚNIOR e ALVES, 2010, p. 81)

A seção Baú do Esporte do **Globoesporte.com** aproveita todos os recursos da hipertextualidade para produzir reportagens interpretativas de qualidade. Em homenagem aos 60

anos de Zico, por exemplo, o site disponibilizou farto material (“60 Tons de Zico”<sup>8</sup>, conteúdo postado em março de 2013) sobre o ídolo do Flamengo em forma de texto, imagens, vídeos, áudios e infográficos. O leitor é convidado a “caminhar” de uma página para outra e é contemplado com os mais diferentes e curiosos aspectos da vida pessoal e profissional do personagem.

O especial “Voa, Mané: animação conta a história de Garrincha, pássaro que virou mito”<sup>9</sup>, sobre os 30 anos sem Mané Garrincha, de janeiro de 2013, também explora uma série de alternativas do jornalismo online para contextualizar a vida e obra de um dos maiores craques da história do futebol brasileiro. Além disso, o site põe em perspectiva a relação álcool e bola, que, como aconteceu com Garrincha, ainda estraga carreiras no presente.

### **Jornalismo esportivo especializado**

Estudioso dos valores socioculturais e filosóficos do esporte na sociedade moderna, o espanhol Antonio Alcoba López afirma que o interesse pela divulgação dos triunfos e derrotas dos jogadores se manteve em uma constante similar por todas as civilizações e épocas (ALCOBA, 2005). A introdução do esporte na imprensa começou a ser realizada por pessoas com experiência nas mais diversas áreas profissionais. Ao se converter no assunto de maior tratamento informativo do século XX, no entanto, desperta a necessidade da especialização por parte dos jornalistas esportivos.

Num primeiro momento, o exercício de um jornalismo esportivo foi considerado como de menor importância na escala de valores dos veículos, pois não poderia comparar-se a outras editorias como Internacional, Nacional, Espectáculos. “Para escribir sobre estos asuntos era preciso una preparación y educación política, mientras que para comunicar y difundir el tema deportivo era innecesaria”<sup>10</sup> (ALCOBA, 2005, p.65). Com o tempo, percebeu-se que a informação desportiva era mais complexa e ultrapassava os resultados de jogos.

En los medios de comunicación no se va a informar y juzgar la actividad deportiva desde la óptica d un juego, de una diversión que realizan miles de millones de personas. El deporte que aparece en las páginas y espacios

---

<sup>8</sup> <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/60tonsdezico/>

<sup>9</sup> <http://globoesporte.globo.com/bau-do-esporte/noticia/2013/01/voa-mane-animacao-counta-historia-de-garrincha-passaro-que-virou-mito.html>

<sup>10</sup> Para escrever sobre estes assuntos era preciso uma preparação e educação política, enquanto a comunicação e divulgação do tema dos esportes era desnecessária.

deportivos, sin perder la esencia de juego y diversión, alcanza otras cotas en las que se encuentran inmersos muchos intereses. No sirve, por tanto, lo que sí podríamos denominar opinión vulgar o literaria para informar a deportistas, técnicos, dirigentes y aficionados.<sup>11</sup> (ALCOBA, 2005, p.66)

O espaço esportivo evoluiu de páginas, para cadernos, diários, e revistas especializadas. A partir da segunda metade dos anos 60, o Brasil entra para lista de países com imprensa esportiva de larga extensão. Época esta muita marcada pelas crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho, as quais misturavam paixão, informação e literatura. Para Paulo Vinícius Coelho (2006), o estilo autoral que une emoção e realidade está em extinção. “A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção da realidade” (COELHO, 2006, p.22).

Na busca desesperada pelo furo, os jornalistas esportivos têm abandonado a produção de reportagens, gênero que representa a alma do jornalismo em geral. Boas histórias deixam de ser contadas, enquanto boletins especulativos e sem profundidade tomam conta dos noticiários. “Reportagem não é apenas notificação de um fato. É necessário o detalhamento, a escolha de um ângulo ainda não explorado, procurar descobrir o possível impacto daquelas informações no tema tratado” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.21).

Para isso, Barbeiro e Rangel acreditam que existe, sim, tempo e espaço para a prática de um jornalismo esportivo interpretativo.

Entre tantos questionamentos filosóficos, há o de que o jornalismo esportivo quer condenar o torcedor a ser um homem a viver em um presente perpétuo, como propôs Buda. Nem ele, nem o jornalismo, nem a pauta – que tem o papel preponderante nisso – podem esquecer a contextualização histórica. Ela é determinante na maioria das reportagens levadas ao ar. A reportagem não é uma sucessão de datas, nomes e fatos. É muito mais, por isso é necessário uma abordagem através de uma reflexão sociológica e histórica. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.25-26)

Quando o atacante Maurides, do Internacional, rompeu os ligamentos do joelho ao saltar na comemoração de um gol contra o América-MG, pela Copa do Brasil de 2013, a maioria dos

---

<sup>11</sup>Nos meios de comunicação não se irá relatar e julgar a atividade esportiva do ponto de vista de um jogo, um divertimento realizando por bilhões de pessoas. O esporte que aparece nas páginas e espaços esportivos, sem perder a essência do jogo e do divertimento, atinge outras dimensões em que estão envolvidos muitos interesses. Não serve, portanto, o que poderíamos chamar de crítica vulgar ou literária para informar atletas, técnicos, dirigentes e fãs.

veículos de comunicação optou por apenas notificar ou fato. Outros, como a versão televisiva do Globoesporte, não trataram o tema com seriedade. Em tom de entretenimento, o programa entrevistou a ginasta Daiane dos Santos para transmitir aos atletas “dicas” de como executar os movimentos com precisão.

No dia 12 de julho de 2013, o Baú do Esporte do site **Globoesporte.com** publica uma reportagem com enfoque diferenciado sobre o assunto. Nela foram ouvidos médicos, ex-jogadores e jogadores em atividade que comemoram ou já comemoraram da mesma forma que Maurides, ou seja, com um salto mortal. A reportagem “Da euforia à dor: os riscos dos saltos mortais nas comemorações de gols<sup>12</sup>” faz uma abordagem histórica, contextualizada e científica utilizando o factual como gancho para uma questão maior: vale a pena correr riscos aos se fazer uma comemoração acrobática?

A pauta, portanto, pode “diferenciar uma reportagem sobre o mesmo tema que os concorrentes, bastando para isso dar um enfoque novo, inteligente, criativo do acontecimento” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.27).

O modesto Clube Esportivo Naviraiense, do Mato Grosso do Sul, alcançou os noticiários nacionais em dois momentos da sua história: ao ser goleado pelo Santos por 10 a 0, pela Copa do Brasil de 2010; e ao eliminar a Portuguesa na segunda fase da mesma competição, em 2013. Muitos veículos de comunicação abordaram o lado pitoresco da classificação deste ano, relembrando a derrota para o Peixe e exaltando o triunfo recente. O **Globoesporte.com** foi além e mergulhou na realidade do time que chamou a atenção do Brasil por alguns instantes. No dia 08 de maio de 2013, o site publicou a reportagem “Naviraiense ‘apaga’ 10 a 0 do Santos e ‘sonha’ com Tóquio 2025<sup>13</sup>”.

O texto revela particularidades da cidade de 48 mil habitantes, aborda a paixão da torcida através de depoimentos e de personagens interessantes, traça um histórico do clube, da sua estrutura e folha salarial, e projeta planos para o futuro – daí o curioso trecho do título: “sonha com Tóquio 2025”. O enfoque novo, inteligente e criativo do acontecimento fica ainda mais claro na passagem sobre as origens da presença maciça de torcedores ao estádio.

---

<sup>12</sup> <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2013/07/da-euforia-dor-os-riscos-dos-saltos-mortais-nas-comemoracoes-de-gols.html>

<sup>13</sup> <http://globoesporte.globo.com/ms/futebol/times/naviraiense/noticia/2013/05/brasil-afora-naviraiense-apaga-10-0-do-santos-e-sonha-com-toquio-2025.html>

O apoio maciço do torcedor ao Clube Esportivo Naviraiense (CEN) nos dias atuais tem origens no fim da década de 1980, quando outro clube, quase homônimo, fazia relativo sucesso nas divisões inferiores: a Sociedade Esportiva Naviraiense (SEN). O diretor de patrimônio do CEN, Rubens Sampaio, conhecido como Pardal, vivenciou como torcedor do SEN jogos de casa cheia pela segunda estadual. Ele acabou sendo personagem de um duelo crucial contra o Gianinni, de Costa Rica, valendo vaga na final de 1987. O caso é lembrado na cidade até hoje.

- O SEN tinha perdido o primeiro jogo fora de casa e precisava ganhar bem para ir à final e subir para a primeira divisão. Eu tinha ido pescar naquele dia e acabei arrastando uma sucuri com a rede. Quando cheguei ao estádio, estava superlotado e ninguém queria deixar eu entrar. Então fui até o carro, peguei a sucuri e soltei no meio do povo. Muita gente saiu correndo, aí consegui sentar. Ainda deixei a sucuri no vestiário dos árbitros, para evitar que eles nos roubassem – lembrou.

As características e peculiaridades da produção jornalística na internet, já vistas anteriormente, tiveram impacto também na editoria esportiva. O que se verifica atualmente é uma tendência à inversão de valores: mais vale uma notícia publicada rapidamente do que uma informação apurada em profundidade.

Esse efeito devastador da internet brasileira ainda poderá ter consequências duradouras nas próximas gerações de jornalistas. E não há efeito mais difícil de remover do que o da falta de referência. O da falta de critério, da falta de cuidado com a informação. Isso ainda persiste em grande parte das empresas ligadas à internet. Vale a velocidade, mais do que o critério jornalístico. (COELHO, 2006, p.62-63)

Na visão de Alcoba (2005), a internet supre a carência de espaço nos veículos tradicionais e capta os aficionados por modalidades pouco exploradas na mídia. “Los diarios digitales, al no estar dominados por la exigencia del espacio, pueden ofrecer informaciones sobre los deportes que no tienen ninguna posibilidad, o es muy remota, de aparecer en las páginas de los diarios o emisiones deportivas de radio<sup>14</sup>” (ALCOBA, 2005, p.177).

As grandes reportagens publicadas na seção Baú do Esporte do **Globoesporte.com** não limitam-se à temática do futebol, muito embora a modalidade predomine também neste espaço. É possível encontrar rico material sobre automobilismo, basquete, lutas, entre outros esportes.

---

<sup>14</sup> Os jornais digitais, não sendo dominados pela exigência do espaço, podem oferecer informações sobre os esportes que não têm nenhuma possibilidade, ou é muito remota, de aparecer nas páginas dos jornais ou transmissões esportivas de rádio.

## **Considerações finais**

A pesquisa levou ao entendimento de que as características da mídia online, em especial o espaço ilimitado, favorecem a produção do Jornalismo Interpretativo. Numa época em que o reducionismo e a fragmentação preponderam no fazer jornalístico esportivo, o conteúdo disponibilizado no Baú do Esporte, do site **Globoesporte.com**, é um exemplo de como oferecer o aprofundamento e a contextualização dos fatos, por meio de reportagens e de recursos hipertextuais – que proporcionam informações adicionais em outras páginas, em forma de imagem, vídeo, texto, áudio e infográficos.

O jornalismo factual, baseado na pirâmide invertida, não leva em consideração a complexidade dos fenômenos sociais, suas múltiplas causas e consequências. O Jornalismo Interpretativo, por sua vez, oportuniza uma visão de mundo objetivamente multiangular para que os leitores construam suas próprias opiniões e análises da realidade. Para o jornalista e escritor argentino Thomas Eloy Martinez, a “mídia dá um tiro no pé quando diz que o leitor não gosta de ler”. É natural que esse gênero nem sempre será possível ou necessário, em todas as pautas e coberturas. Mesmo porque o principal diferencial da internet seguirá sendo o imediatismo.

Mas deve-se cultivar o terreno fértil da reportagem com profundidade, gênero que caminha para extinção no jornalismo diário, como um diferencial para quem busca boas histórias, com narrativas densas, interligadas a outros fatos e humanizadas. Papel este que os jornais impressos esqueceram de cumprir, e que, conforme verificamos nesta análise, a internet pode explorar com a vantagem do espaço ilimitado e da hipertextualidade.

## **Referências**

ALCOBA, Antonio López. **Periodismo deportivo**. Madrid: Sintesis, 2011.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual de jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo:** como se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Periodismo y Narración: Desafíos para el siglo XXI.** SIP, Guadalajara, 26 de out. 1997.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação digital:** jornalismo, narrativas, estética. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. 6.ed. São Paulo: Summus, 1986.

SPERB, Nanachara Carolina. **A Influência da Utilização do Hipertexto na Produção de Jornalismo Interpretativo para Internet.** Intercom Sul: Passo Fundo, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0469-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.